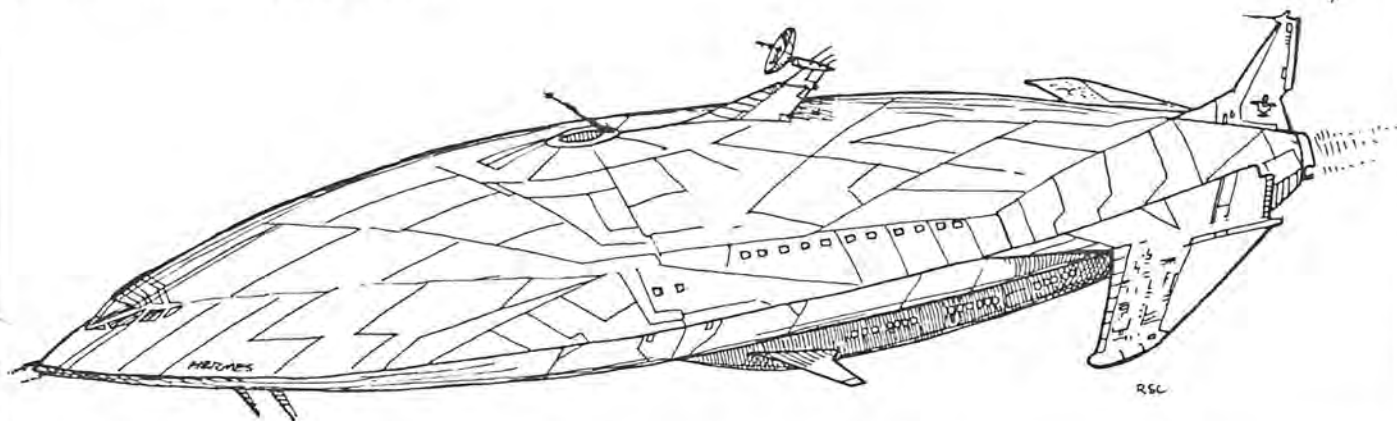


SOMNIUM

BOLETIM DO CLUBE DE LEITORES DE FC

ANO I - Nº 8 - AGO.86

Ao nos aproximarmos de nosso primeiro aniversário, acumulamos experiência valiosa que nos tem permitido aperfeiçoar este nosso veículo de comunicação, enormemente ajudados pelos sócios do CLFC quer pelas matérias enviadas, quer pelas críticas e sugestões sempre atentas. Neste nosso oitavo e interessante número vamos encontrar matéria variada e que agradará certamente a todos; contudo, uma observação mais atenta mostrará que não publicamos qualquer conto, e que esta não é a primeira vez que isto acontece. Ainda que os artigos que temos publicado sejam dos mais interessantes e, oportunos, acreditamos que o interesse maior dos leitores se volta para o conto de FC. Como estamos absolutamente certos de que vários sócios têm contos 'engavetados', estamos conclamando estes companheiros a nos enviar este material para publicação. Se tais trabalhos estão sendo ciumentamente guardados para concorrerem em concursos de contos, entendemos perfeitamente e, para ajudar, publicamos neste número algumas 'dicas' sobre concursos em andamento; de resto, vamos desencantar este material. Afinal este boletim é um veículo para os trabalhos dos associados do CLFC, não importando se 'escritores tarimbados' ou 'amadores em busca de um lugar ao sol'. Todos são bem-vindos. E lembrem-se que não publicar significa também não ser avaliado, criticado, comparado, perdendo-se uma oportunidade importante para nos aperfeiçoarmos, aprendermos, exercitarmos nossa pena e nossa humildade.



NOVOS SÓCIOS : estamos caminhando rapidamente para os nossos primeiros cinquenta associados. E as mulheres estão aumentando em número, o que significa que, logo logo, farão maioria. Aos novos associados, as nossas boas-vindas e o desejo de que se sintam parte desta nossa grande família :

- (35) José Lúcio de Castro (Rua dos Pampas, 538/1602-B - 30460 Belo Horizonte, MG). Engenheiro civil, gosta de livros, filmes, vídeo, fotografia e música.
- (36) Maria Helena Zapparolli de Assis (Rua Luiz Argenton, 228 - 13170 Sumaré, SP).
- (37) Sandra Regina Sarquis (Rua Cícero de Góes Monteiro, 21 C/4 - 57920 São Luiz do Quitunde, AL). Bancária, gosta de cinema, astrologia, parapsicologia, astronomia, quadrinhos e música.
- (38) Isabel Cristina F. dos Santos (Rua Upiara, 259 - 21331 Rio de Janeiro, RJ). Estudante, gosta de astronomia e filmes de FC.

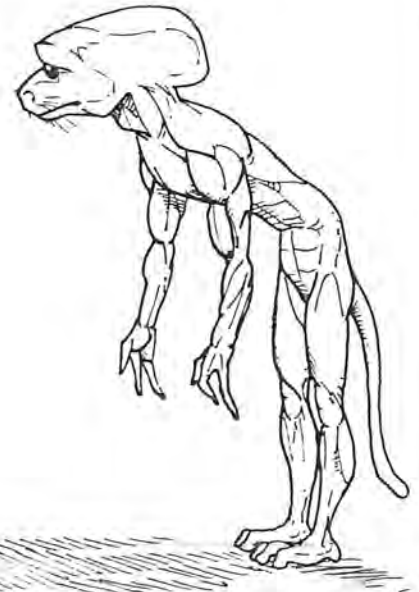
Alem destes quatro novos sócios, recebemos pedido de informações sobre o CLFC de mais cinco interessados. Esperemos que estas novas inscrições se concretizem em breve.

Finalmente, anotem o novo endereço do Fábio (20), no período de 04.08 até aproximadamente 30.11 : Rua do Trabalho, 548 - 13400 Piracicaba, SP - Tel. 33-3908.

LANÇAMENTOS : últimas obras disponíveis, conforme informações recebidas de livreados, editoras e publicações especializadas :

1. Editora Europa-América, série FC

110. Não Temerei Nenhum Mal (vol. I)
I Will Fear no Evil
Robert A. Heinlein
111. Experiência na Terra (Batalha no Espaço, 9)
Battlestar Galactica 9 : Experiment in Terra
Glen A. Larson e Ron Goulart
112. O Planeta dos Dinossauros (Vol. I)
Dinosaur Planet
Anne McCaffrey
113. A Rosa dos Ventos
The Compass Rose
Ursula K. Le Guin
114. A Longa Patrulha (Batalha no Espaço, 10)
Battlestar Galactica 10 : The Long Patrol
Glen A. Larson e Ron Goulart



2. Editora Europa-América, série Nébula

- | | |
|---|--|
| 13. Shikasta
Shikasta
Doris Lessing | 14. Os Casamentos Entre as Zonas Tres, Quatro e Cinco
The Marriages Between Zones Three, Four and Five
Doris Lessing |
| 15. As Experiências Sirianas
The Sirian Experiments
Doris Lessing | 16. O Vale dos Cavalos
The Valley of Horses
Jean M. Auel |

3. Europress, série Bolso Noite (FC)

- | | |
|---|---|
| 21. Vaga Sem Praia
Wave Without a Shore
C. J. Cherryh | 27. A Espada de Mahrt
The Warriors of Day
James Blish |
|---|---|

CONCURSOS : damos a seguir dados sobre tres concursos em andamento, no país e no exterior, voltados a trabalhos no gênero de FC/F, e gostaríamos de ter retorno dos sócios que se inscrevessem.

1. Concurso de Contos Luiz Vilela : patrocinado pela Fundação Cultural de Ituiutaba, MG receberá trabalhos até o próximo dia 30.09.96 e dará um prêmio de Cz\$ 25.000 (exelente, por sinal). Os contos não podem ter sido publicados e cada pessoa pode concorrer com quantos contos desejar, sem limite de páginas nem quaisquer prescrições quanto à forma ou conteúdo. Os trabalhos devem ser apresentados em tres vias datilografadas em espaço dois, em papel ofício e em um só lado da folha. Deverão os participantes usar pseudônimo, que virá logo abaixo do título do conto, devendo ambos, título e pseudônimo, ser repetidos por fora num envelope fechado, que acompanhará o conto e que trará dentro o nome verdadeiro do autor, seu endereço e telefone. Maiores informações e inscrições devem ser solicitadas à Fundação Cultural de Ituiutaba, Av. 13, nº 805 - 2ª andar, 38300 Ituiutaba, MG.
2. Prêmio Fausto Cunha : patrocinado pelo Clube de Ficção Científica Antares, de Porto Alegre, RS, é um concurso trimestral permanente que visa selecionar dois autores de cada vez para publicação no boletim Antares. Os contos devem ter por tema Ficção Científica ou Fantasia, em qualquer categoria. Os trabalhos devem ser enviados em uma única via, com nome do autor, seu endereço, idade, profissão, obras anteriormente publicadas. Como prêmio, o primeiro classificado receberá dois livros selecionados entre os títulos mais atuais das livrarias locais; o segundo colocado receberá um livro ou disco de filme de FC, conforme sua própria indicação nos dados enviados junto com o conto. Nenhum trabalho será devolvido, e os demais contos, mesmo que aproveitados total ou parcialmente, não receberão premiação. Ao longo do ano, e após as quatro etapas, os oito contos classificados serão julgados por uma comissão que escolherá o melhor conto do ano ao qual será dado um troféu. Os trabalhos devem ter um mínimo de quatro e um máximo de sessenta e cinco páginas, datilografadas em espaço dois

e em um só lado da folha. Maiores informações e inscrições devem ser solicitadas ao CFCA, Rua Ramiro Barcelos 2221/62, Bom Fim, Porto Alegre, RS.

O número 19 do boletim Antares traz a primeira parte do conto 'A Última Chance', de nosso sócio Roberto de Souza Causo (23), vencedor da primeira etapa de 1986, cujo trabalho foi selecionado entre 14 concorrentes. Ao Causo, nossos parabens e votos de que tenha novos trabalhos premiados e publicados.

3. Prêmio Caminho de Literatura Policial e Ficção Científica 1987 : patrocinado pela casa editora portuguesa nossa conhecida, destina-se a estimular a criação em português de literatura policial e de FC. Concorrem romances ou coletâneas de contos. As obras devem ser em língua portuguesa e inéditas. Os trabalhos devem ter um mínimo de 160 páginas, datilografadas, em tres vias, espaço dois, em papel formato A-4. O prêmio é de 200.000 Escudos em cada modalidade, a título de direitos autorais da primeira edição, cabendo os direitos das edições seguintes integralmente ao autor, reservando-se à Editorial Caminho o direito de opção. O júri poderá recomendar a publicação de outras obras, além das premiadas, que considere com méritos para tal. Serão aceitas obras até o dia 31.12.86 e nenhum exemplar será devolvido. Maiores informações e inscrições devem ser solicitadas à Editorial Caminho, Prêmio Caminho de Literatura Policial e Ficção Científica 1987, Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B, 1100 Lisboa, Portugal.

O número 31 da série Caminho/FC (Congresso Futuroológico, Stanislaw Lem) traz, na íntegra, o regulamento deste concurso.

Nossos agradecimentos ao Gilberto (2) pelas informações referentes ao concurso de Ituiutaba e pelo reforço dado quanto ao Prêmio Caminho. Valeu.

BIENAL : apesar dos esforços feitos, especialmente do Cesar(31) na preparação das artes finais, não foi possível desenvolver material para divulgação do CLFC no decorrer da Bienal do Livro. Esta impossibilidade decorreu da nossa falta de verba para enfrentar este programa. O nosso clube precisa ter os pés no chão, e fazemos não o que queremos, e sim o que nos é permitido pelas nossas disponibilidades. Este é um bom tema para discutirmos na próxima Assembléia : uma programação financeira que atenda nossas necessidades de divulgação e ampliação de nosso quadro social. Quem sabe se na próxima Bienal o CLFC estará presente e atuando intensamente. A propósito, o menor orçamento que tivemos para a confecção de 5.000 marcadores de livros e 2.500 cartazetes foi da ordem de 3.000 cruzados, 'cash'.

SURPRESA PERIGOSA

Roberto de Souza Causo

Como já havia dito em minha carta a respeito do conteúdo do nº 5 deste boletim, o trabalho do sócio Laerte Lemmi, intitulado "A Piada", constitui realmente uma piada satirizando a estrutura de grande parte dos contos de FC, que vem sendo exercitada ultimamente pelos autores que aparecem nos fanzines, mas que parece estar perdendo o uso num âmbito mais amplo.

O que eu quis dizer com isso é que a utilização desse tipo de conto, que podemos denominar "de final inesperado", já está se desgastando, principalmente por constituir uma armadilha para aqueles que não conseguirem escrever esse tipo de história de acordo com a forma que ela própria exige.

O perigo do "final inesperado" é que a "surpresa" pode estar tão deslocada do restante da narrativa que ela acaba perdendo parte do impacto e, conseqüentemente, da "graça". O ideal seria que o autor oferecesse, durante o desenvolvimento do conto, elementos para que o leitor os associassem com o final. "A melhor piada é a que já conhecemos".

Ou então que o texto se conduza de forma a oferecer um contraste forte, mas que não deixe margem de dúvida.

Apesar da sátira feita pelo Laerte, já no nº 6 tivemos mais dois exemplos, "sérios", de contos de "final inesperado". Na minha opinião, o melhor é o do J.S.Fernandes, "A Meus Irmãos, Nas Estrelas".

Por que? Principalmente porque o conto só se define como um conto através de seu final. Na maior parte do tempo ele se afigura como uma reflexão, um comentário, que de maneira muito feliz, evoca algumas indagações permanentemente associadas à própria ficção científica. Esse é o fator que enriquece e complementa o "final inesperado". Aí está a base para a associação que o leitor fã de FC forçosamente irá fazer.

Já no conto do R.C.Nascimento, "Predestinação", ainda que ele tenha respeitado o fator da associação, ao escrever: "para tirar a nave daquele estranho planeta onde tudo parecia descomunal", a surpresa final é menos forte, ou menos positiva.

Por que? Principalmente porque faltaram mais elementos para a associação.

Vamos analisar um exemplo clássico desse tipo de conto. Trata-se de "Resposta", de Fredric Brown, visto recentemente na antologia "Máquinas que Pensam: Obras Primas da Ficção Científica". Nele, o autor fala de um supercomputador a ser ativado, realçando as suas incríveis capacidades com grande eloquência. É feita ao computador a pergunta que assola a humanidade, "Deus existe?" e a resposta é: "Agora Deus existe". Pois bem, a forma como ele fala das capacidades da máquina é que constitui o fator associativo, uma vez que faz o leitor de FC lembrar-se imediatamente do gênero de história que coloca a máquina acima do homem e perto de constituir algo divino.

É bom que fique claro que não estou tentando desvalorizar esse tipo de conto, nem desmerecer o trabalho do Nascimento, que embora eu tenha apontado falhas, não ficou ruim. A intensão é de apenas alertar os jovens escritores que vêm nas histórias "de final inesperado" uma maneira fácil, rápida e eficiente de fazer FC. Cuidado, pode não dar certo.

Além do que o exercício contínuo desse tipo de história acaba preparando o leitor para julgá-las com mais rigor, isso se não fizer com que ele perca o estímulo de lê-las. E no mais, embora essa seja uma forma típica de FC, existem outras formas de se fazer ficção científica, que é um gênero que oferece infinitas possibilidades de desenvolvimento.

Certamente muitos não concordarão com as idéias acima. O debate está aberto.

O JOVEM LEITOR DE FICÇÃO CIENTÍFICA

José dos Santos Fernandes

Com o crescimento do número de associados do nosso Clube, temos tido a entrada de uma série de jovens sócios interessados em F.C. e que estão dando seus primeiros passos neste campo da literatura. Através deles pudemos perceber a existência de um grande número de fãs do gênero surgidos nos últimos anos, principalmente em consequência do grande sucesso popular das séries cinematográficas de F.C. Estes jovens, inicialmente atraídos pelos fabulosos efeitos especiais destas produções, têm atualmente uma enorme curiosidade pelo gênero, mas ainda se sentem um tanto tímidos com relação à literatura de F.C. propriamente dita. Muitos sentem receio de ter dificuldades quanto ao entendimento das obras, na sua parte técnico-científica, ou não sentem estímulo para ler um romance de F.C. quando podem obtê-lo, com muito menos esforço, das telas do cinema ou da televisão.

De uma forma ou de outra, porém, alguns destes jovens acabarão por ter contato com nosso Clube e acredito que, com o correr do tempo, muitos acabarão por engrossar nossas fileiras, como, aliás, já começou a acontecer. Este material humano é de inestimável valor pois ele é a base para a ampliação do contingente de leitores e consequente incremento do mercado literário de F.C. em nosso meio. Sendo assim, creio ser fundamental que o Clube, através de seus sócios mais experientes, oriente estes colegas no sentido de tornar menos árdua a sua entrada neste fascinante campo, motivando-os para a leitura e o aprofundamento de seus conhecimentos dos principais escritores e suas obras.

Todos nós, que não tivemos qualquer ajuda no início de nossas vidas de leitores, sabemos como é duro ficar olhando para uma prateleira de livreria sem saber distinguir os bons dos maus livros, os autores mais leves dos mais harméticos, as obras que teríamos de ler e aproveitar daquelas que deveriam ser deixadas para uma época de maior amadurecimento. Sabemos hoje, também, o risco que a maioria correu de deixar de cultivar o gênero de que atualmente é fã, caso tivesse escolhido o livro errado numa determinada fase de seu desenvolvimento. Quantos colegas a mais não poderíamos ter no C.L.F.C. se fossem maiores as possibilidades de se escolher o livro certo?

Creio que, no momento, o nosso Clube oferece esta possibilidade, haja vista a quantidade de pessoas interessadas e com grande vivência na leitura de F.C. que compõe seu quadro. Gostaria, portanto, de conclamar a todos estes sócios a ajudarem concretamente os colegas mais jovens, orientando-os quanto aos livros e autores mais adequados para se iniciar o conhecimento da F.C., considerando-se aptidões e tendências de cada um. Num sentido mais amplo, sugeriria que cada sócio do Clube fizesse uma lista de 10 ou 20 obras de F.C. de autores diversos que se enquadrassem nos requisitos básicos para a motivação dos iniciantes, quais sejam: indiscutível qualidade, seja na imaginação do tema, seja no seu desenrolar; facilidade de leitura e compreensão; facilidade de obtenção nas livrarias; diversidade de temas, com o intuito de cobrir uma gama variável de gostos; etc... Tais listas poderiam ser enviadas à Diretoria, que faria a compilação das obras mais votadas e publicaria, através do boletim, uma listagem das mais indicadas para a leitura dos iniciantes. Deste modo, teríamos a experiência de um "pool" de pessoas canalizada para uma orientação mais segura de nossos futuros "experts".

UM ASSUNTO DA MAIOR GRAVIDADE: O NOVÍSSIMO TESTAMENTO DO UNIVERSO

pelos ELFOS (*)

Pensam que a melhor ficção é produto de pura fantasia? Isto é um outro gênero de literatura. A melhor FC baseia-se em fatos e coisas reais. Ao menos hoje são tidas como reais. São coisas como as estrelas, os assaltos, os planetas, o imposto de renda, a gravidade, ...

Para vocês que se encontram confortavelmente instalados numa cadeira elétrica, num divã do consultório de um psicopata, ou mesmo num simples trono, pode parecer meio estranha pra burro a afirmação titubeante de que conceitos abstratos como a gravidade nem sempre participaram do delirium tremens humano (nada sabemos do desumano), mas aí estão um sem número de livros a atestá-lo, mormente os que nunca a ela se referem.

Ao recuarmos no tempo, redescobrimos um mundo plano, em que a gravidade não exercia o menor papel. Afinal de contas, se tudo assentava tão "naturalmente" sobre um plano, para que procurar sarna para se coçar? Viviam assim o gênero humano sem maiores sinecuras, quando começaram a surgir alguns estraga-prazeres circulando o boato que nem tudo era tão simples nem o mundo tão chato assim. Sabem o que acontece quando circulam boatos, pois não? Quem conta um conto aumenta um ponto e o mundo ficou redondo. Agora sim é que o ser humano estava enrascado! Como explicar porque ninguém caía da bola? Levou tempo. Mas para cada problema que o masoquismo humano arranjava, também acabava arranjando uma solução. Assim, lá pelas tantas do século XVIII surgiu através do testemunho de um galo na cabeça de um tal de Newton, a idéia de que havia uma força que atraía os corpos menores na direção dos maiores. Visto o tamanho da Terra ser razoavelmente bem conhecido na época e como ninguém aparecia com uma desculpa melhor, a hipótese da tal força tornou-se muito atraente. Foi ela então batizada e desde então conhecida por GRAVIDADE. Quanto à história da fruta que teria dado origem a este conceito, podemos dizer que acertou no tamanho. Provavelmente a Natureza já havia feito a mesma tentativa com outros humanos e frutas menores, como cerejas, por exemplo, que, se não foram ignoradas, foram sumariamente engolidas pelo voraz "Homo Sapiens". Por outro lado, nunca ficamos sabendo do resultado de frutas maiores, como jacas. É provável que o atingido, se sobrevivesse, tenha se manifestado a respeito de danos mentais em ataques iracundos de conteúdo decididamente impublicável. De qualquer forma, o próprio tamanho da maçã é função da gravidade, ou seja, determinado tipo de seres vivos só podem ter o tamanho que têm, ou não só breviviriam. É assim, também que a maçã se redimiou da má fama a ela atribuída pela tradição bíblica.

Com o passar dos tempos a Ciência organizou um pouco a bagunça em que se encontravam mergulhados alguns conceitos. A gravidade passou a ser considerada uma das 4 forças conhecidas, sendo as outras: a chamada "força fraca" (e quem assim a denominou merece crédito pelo humorismo), a eletromagnética e a nuclear. Se vocês não conhecem estas três, mantenham a calma, nada de pânico: não são objeto deste artigo, podendo, por conseguinte, ser ignoradas.

Muito antes disto, contudo, a matéria inanimada já havia tomado conhecimento da existência da gravidade, a mais persistente das 4 forças, embora a mais fraca. Enquanto o ser humano, dito inteligente, ao tomar conhecimento da gravidade, esmerou-se num carnaval de publicações, o resto do cosmo, com a calma que lhe é peculiar já se havia organizado organicamente (?) em corpos mais ou menos maciços num processo que levou alguns bilhões de anos. Os corpos mais maciços tornaram-se conspícuos, a brilhar, a manter troca de mensagens energéticas. Em resumo, de tanto querer "aparecer" viraram todos "estrelas". Por seu lado, os corpos menos maciços viraram corpos escuros: planetas, planetóides, meteoritos, moléculas.

Qual o processo seguido pela matéria? Começa com nuvens de matéria que, sob a ação da gravidade, esta força que tudo permeia, vão se contraindo. Com suficiente quantidade, a agregação torna-se cada vez maior, até formar um corpo esférico. Se sua massa for maior que 0,8 massas solares, a pressão gravitacional pode ser suficiente para desencadear uma reação nuclear em seu interior, o que a livra do destino chato de se tornar um releplana com a eventual incumbência de sustentar alguma espécie que se intitula "inteligente" (praga!). Nasce destarte uma estrela, vivendo às custas de uma reação nuclear em que átomos de hidrogênio, por fusão, são transformados em hélio, liberando energia. Esta, sob forma de radiação, tenta escapar do centro da estrela, exercendo uma pressão que se opõe à força gravitacional. Este equilíbrio mantém-se até que se esgote seu estoque de hidrogênio. Daí a estrela procura outras reações nucleares que a levam a aumentar seu volume, alterando também seu aspecto, tornando-a mais "corada". Terminado seu novo combustível e não havendo mais radiação de energia em quantidade suficiente, a gravidade (olha ela aí novamente) leva a melhor, levando a estrela, literalmente, a uma implosão. Esta pode manifestar-se de formas diferentes, dependendo, novamente, da massa da estrela, que, em última análise, determinou seu comportamento desde seu nascimento.

Se a estrela tiver massa de até 1,4 massas solares, ela foi provavelmente uma estrela da Sequência Principal, comparável ao Sol. Trabalhou durante bilhões de anos e será apresentada como uma anã branca, de forma mais ou menos suave, sem maior alarido. Com o passar do tempo não terá forças sequer para irradiar luz como anã branca, transformando-se numa anã negra. A densidade da matéria de uma anã branca é tal que os núcleos dos átomos são privados de seus elétrons, formando uma verdadeira "papa nuclear". Como a intensidade de do campo gravitacional é proporcionada também pela distância ao centro do corpo, imagina-se o que acontece na superfície de uma anã branca. Se no primeiro centésimo de segundo um corpo qualquer, na superfície da Terra percorre meio milímetro, na superfície de Sirius B, uma anã branca, percorreria, no mesmo lapso de tempo, 100 metros.

Por que 1,4 massas solares? Porque, acima deste limite, os elétrons e os núcleos, por sua vez "tritutados" pela sempre presente força gravitacional, formam uma matéria bastante uniforme chamada "neutronium" que, como sugere o nome, é simplesmente uma "papa neutrônica", mais densa que a matéria de qualquer anã branca. Este limite de 1,4 massas solares é conhecido como "limite de Chandrasekhar" em homenagem ao cientista que, ligado o desconfiômetro, o calculou. Os objetos, portanto, de massa superior a 1,4 massas solares são algo bem diferente das anãs brancas. São conhecidos como estrelas de neutrons, ou estrelas neutrônicas. Até hoje esta hipótese é corroborada pelo fato de não se ter notícia de nenhuma estrela anã branca com massa acima do limite de Chandrasekhar. Mas estrelas mais maciças têm vidas mais curtas, pois "queimam" mais rapidamente o seu combustível. Sua morte é assinalada por um fenômeno conhecido por "Supernovas". São estrelas que, numa festinha de despedida, irradiam em instantes mais energia que o fizeram anteriormente em milhares de anos. Quando "caem em si" estão aposentadas. Nem por isto deixam de ser objetos bizarros. O momento que tinham quando gigantes é conservado ao serem transformadas em anãs de apenas alguns quilômetros de diâmetro. Destarte, elas giram sobre si próprias diversas vezes por segundo. Ficam conhecidas como "pulsares". É o caso do pulsar da nebulosa do Caranguejo, que gira sobre si mesmo 30 vezes por segundo. Como é sabido, a nebulosa do Caranguejo representa os detritos de uma demolição estelar efetuada em 1054, de acordo com nossos calendários.

Antes mesmo do advento da astronáutica, surgiu a preocupação relativa à velocidade de fuga de um objeto com relação a um corpo celeste, que a Teoria da Relatividade limitava à velocidade da luz. Descobriu-se, então, haver um limite também no tocante à massa de uma estrela neutrônica. Este limite não poderia exceder 3,2 massas solares. O que aconteceria a um corpo de massa maior? Simplesmente a força nuclear existente entre os nêutrons não conseguiria mantê-los como entidades isoladas, forçando a um colapso a própria matéria. Nem a luz conseguiria escapar desta armadilha gravitacional. Teríamos, portanto, o

que se convencionou chamar de "Buraco Negro". Este corpo teria um raio e um centro. Sua massa estaria toda concentrada em seu centro, cognominado de singularidade. Seu raio abrange a região de que nada escapa a suas mandíbulas gravitacionais. Assim, depois de muita festa e espalhafato, o apressadinho desaparece dentro de si mesmo.

A partir de agora poderíamos falar também de "Antigravidade", tão cara a muitos autores de FC. No entanto ela não encontra respaldo em nenhuma teoria científica "quando em nos so Universo". Entretanto a teoria dos buracos negros prevê um tipo especial deles, conhecido como "singularidades nuas". Através deles poderiam ser atingidos universos com antigravidade.

Na FC temos alguns exemplos em que a gravidade é o personagem principal. Foi publicada num "Almanaque do Globo Juvenil" do final dos anos 50 uma história de título "Syncrosses, a estrela da dupla escuridão" em que uma expedição aterrissa na superfície de um astro em que "a escuridão era algo palpável", fazendo com que os exploradores primeiro se perdessem; no entanto a própria gravidade do mundo acabou afetando seus sentidos, fazendo com que através dela pudessem determinar quais e onde objetos estavam à sua volta.

Outro exemplo é o "Mission of Gravity", de Hal Clement.

Greg Bear é um autor apresentado numa coletânea de Jerry Pournelle como autor de "The Venging", história que apresenta os buracos negros como local de devoção e peregrinação para a morte de uma espécie inteligente, tendo sido uma região considerada tabu profana da por terrestres em expedição científica, o que clamava por uma "vendetta" (daí o título) por parte de um membro da sociedade ofendida.

"Neutron Star", de Larry Niven, é outra história de circumnavegação de uma estrela neutônica, apesar da improbabilidade do enredo, que lida com as já secularmente conhecidas forças das marés, coisa que nenhum ser inteligente que resolva por uma viagem destas poderia ignorar.

Poderia ainda ser citada a Cavorita como elemento antigravitacional, bem como histórias similares, mas preferimos encerrar aqui mesmo.

Por uma questão de justiça, não damos aqui as obras de referência, pois teríamos que relatar também as que NÃO se referem à gravidade e constituem maioria, em relação à época pré-gravitacional.

(*) ELFOS: *Escritores Ludibriados, Frustrados Ou Similares*
(Especial para um Editor à beira de um Collapsar...) F.P.B.

VÍDEO

Gilberto Schoereder

Looker - 1981 - Direção de Michael Crichton. História dele mesmo. Com Albert Finney, James Coburn, Susan Dey, Leigt Taylor-Young. "Looker" é a designação de um projeto ultra-secreto desenvolvido por uma companhia privada dos EUA, que consiste na utilização de uma luz especial capaz de tirar das pessoas a noção do tempo. O objetivo é utilizar esse sistema em comerciais de televisão, tornando impossível as pessoas deixarem de comprar o que lhes é mostrado, ou aceitar qualquer idéia veiculada por intermédio deste sistema. Desta forma, pretendem eleger o novo presidente dos EUA através de uma campanha pela TV, obtendo total controle do país inteiro. Direção, roteiro e enredo excelentes, com cenas de grande tensão, principalmente nos momentos finais, onde misturam-se imagens reais transmitidas pelos computadores e as reais que interferem no projeto. Como em Westworld, Crichton levanta a possibilidade de que uma alta tecnologia possa servir a propósitos escusos, e a possibilidade de se transmitir mensagens subliminares com tanta perícia, literalmente hipnotizando as pessoas, é realmente assustadora, ainda mais se levarmos em consideração que a composição para imagens de TV por computadores já existe.

The Philadelphia Experiment - 1984 - Direção de Stewart Raffill, com produção de Debra Hill e John Carpenter (a dupla de Halloween). Com Michael Paré, Nancy Allen, Eric Christmas, Bobby Di Cicco, Louise Latham. Um bonito filme sobre uma viagem no tempo ocorrida por acaso quando, em 1943, a marinha americana fazia uma experiência com um aparelho que pretendia tornar os navios americanos invisíveis aos radares inimigos. Só que

ocorre um erro, e é aberto um "buraco no tempo", através do qual desaparece o navio em questão e dois marinheiros, que caem do navio e surgem em 1984. Neste ano, o cientista que causou o problema no passado está empenhado em solucioná-lo, fechando o buraco no tempo uma vez que este está de certa forma sugando a energia do planeta. As explicações fornecidas no desenrolar do filme são bastante interessantes e a solução dos possíveis paradoxos também. O diretor não dispensa uma certa dose de humor, quando por exemplo um dos marinheiros vindos de 43 vê um discurso do presidente Reagan na televisão e pergunta à mulher que ele conheceu em 1984: "Eu conheço esse sujeito. Isso é outro filme?" Ela olha bem para ele, e resolve que é melhor nem tentar explicar. Boa direção, cenas muito bonitas, e efeitos excelentes bem colocados durante a ação.

Dreamscape - 1982 - Direção de Joseph Ruben. Com Dennis Quaid, Max Von Sydow, Christopher Plummer, Eddie Albert, Kate Capshaw. Uma ficção que aborda um tema pouco explorado no cinema. Um cientista desenvolve um projeto relativo ao estudo dos sonhos. Utiliza-se de pessoas com capacidades paranormais superiores e de uma maquinaria especialmente desenvolvida por ele, para fazer com que uma pessoa entre no sonho de outras. O objetivo é desvendar os problemas que afligem as pessoas, indo direto ao seu inconsciente. Alguns paranormais têm a capacidade de entrarem no sonho e atuarem nele, resolvendo problemas vitais ao sonhador. O único problema é que o projeto é financiado pelo governo, ou melhor, por uma agência governamental com um poder quase igual ao do presidente, e que age por baixo do pano, desejando utilizar o projeto para influenciar o presidente dos EUA - que pretende assinar um acordo de paz com os soviéticos - atormentado que está por pesadelos nos quais caminha por um planeta totalmente destruído por uma guerra nuclear pela qual ele é responsável. As imagens dos sonhos e pesadelos são excelentes, e o filme tem um bom ritmo.

Andróide (Android) - 1982/84 - Direção de Aaron Lipstad. Com Klaus Kinski, Don Opper, Brie Howard, Norbert Weisser, Kendra Kirchner, Crofton Hardester. Um bom exemplo de um filme rodado com um orçamento pequeno e que alcança excelentes resultados. Android foi feito em apenas 20 dias, utilizando cenários que sobraram de uma produção de Roger Corman, e conta a história do andróide Max e seu criador e senhor, o Dr. Daniel (Kinski), que realiza experiências proibidas à bordo de uma estação espacial. O ano é de 2036, e os andróides foram banidos da Terra após realizarem uma rebelião, exigindo direitos iguais aos humanos, e sua construção está proibida. Apesar disso, o Dr. Daniel está construindo um andróide mulher. A grande atração do filme é sem dúvida Max (Don Opper) com uma excelente atuação, com muito humor e diálogos bem elaborados. Sem ter o que fazer à bordo da estação espacial, Max passa o tempo assistindo filmes antigos e ouvindo rock dos anos 50, vestindo-se como Humprey Bogart e assumindo as atitudes dos seres humanos que vê nos filmes. Até que sua vida é modificada pela presença de criminosos que, fugindo da polícia, escondem-se na estação. É um final surpreendente, com uma revelação surpresa ao melhor estilo dos filmes policiais que Max costumava assistir em sua televisão. O filme teve uma série de problemas de distribuição, com os estúdios americanos querendo modificar tudo, desde o nome do filme até o enredo, para que ele fosse aceito pelo público mais facilmente, ao mesmo tempo em que, na Europa, e principalmente na Inglaterra, tinha grande aceitação de público e crítica, permanecendo mais de um ano em cartaz, uma prova de que boas idéias, bem trabalhadas, podem ser mais importantes do que uma produção caríssima.

O AUTOR DO MÊS

Kleverson A.B. Neves

Existem escritores que são considerados excelentes, mas que apresentam flutuações em seu nível de qualidade. Outros porém, podem apenas ser considerados bons autores tendo também a característica de manter um nível coerente com sua proposição como artista. Nesta última espécie literária encontra-se o escritor britânico Edmund Cooper, nascido em 1926 e educado na Manchester Grammar School, tornando-se marinheiro mercante em 1944, escrevendo sua primeira história, "The Unicorn", em 1951. EC escreveu um grande número de trabalhos curtos, embora tenham sido seus trabalhos de maior fôlego que o elevaram como um bom escritor de FC. Dentre suas primeiras novelas, consideradas as melhores, podemos destacar várias. "Deadly Image", de 1958 (Pioneiros do Espaço - Antecipação/nº 25), descreve-nos uma sociedade pós-holocausto, onde os andróides estão ameaçando gradualmente

substituir o chamado ser humano, quando desperta um ser do passado terrestre (o nosso presente no caso) que irá revolucionar aquela sociedade, levando a esperança à humanidade. Já em "Seed of Light", de 1959 (A Astronave da Esperança - Argonauta/nº 87), traz-nos o clássico tema da fuga da Terra no caso através de uma nave geração. Posteriormente, surgiram "Tomorrow's Gift" de 1958, "Voices in the Dark", de 1960, "Tomorrow Came", de 1963, "Transit", de 1964 (Bandeirantes num Novo Mundo - Argonauta/nº 122), "All Fools' Day", de 1966 (O Caos Suicida - Argonauta/nº 165), "A Far Sunset", de 1967 (Ave Marciana - Argonauta/nº 136), "News from Elsewhere", de 1968 (Novas de Algures - Antecipação/nº 41), "Seahorse in the Sky", de 1969 (Cavalo Marinho no Céu - Hemus), "Son of Krouk", de 1970 (Krouk - Europa-América/nº 22), "The Last Continent", de 1970 (Quando os Marcianos Vieram - Argonauta/nº 172), "The Square Root of Tomorrow", de 1970, "The Overman Culture", de 1971 (A Humanidade Artificial - Hemus), "Unborn Tomorrow", de 1971, "The Tenth Planet", de 1973 (O Décimo Planeta - Europa-América/nº 28). Em uma grande parte dos trabalhos acima relacionados percebemos a fé e a esperança de EC no futuro da espécie humana, tornando-se uma fênix eternamente perpetuada através de seus filhos. Tal imagem é fortalecida em um de seus mais recentes e bem recebidos trabalhos, intitulado "The Cloud Walker" e escrito em 1973. Neste trabalho EC narra-nos a redescoberta da ciência em uma sociedade pós-guerra nuclear, onde a perseguição é intensa. Algumas de suas proposições sexuais ou políticas encontram forte oposição para seus livros, como "Five to Twelve", de 1968, e "Who Needs Men", de 1972 (As Exterminadoras - Europa-América/nº 56). Produziu também "The Slaves of Heaven", de 1974, "Prisoner of Fire", de 1974 (A Prisioneira do Fogo - Europa-América/nº 35) e uma série, sob o pseudônimo de Richard Avery composta pelas obras: "The Death Worms of Kratos", de 1975, "The Rings of Tantalus" de 1975, "The War Games of Zelos", de 1975 e, "The Venom of Argus", de 1976. Temos então a carreira e o trabalho de um dos melhores escritores britânicos de FC.

A GRAVIDADE NA FICÇÃO CIENTÍFICA

Laerte Francisco Lemmi

Diversos autores dão diversas aplicações para a gravidade ou também para a antigravidade de nos seus contos e romances.

Duas das principais aplicações dadas à antigravidade é a absorção de choques provocados pela aceleração, positiva ou negativa (lembram-se da Física do Colegial?), ou como meio de propulsão auxiliar ou principal das suas naves.

Como primeiro exemplo, temos o excelente caso da série Perry Rhodan, em que algumas naves têm a capacidade de acelerar até 700 Km/s^2 sem que os seus tripulantes sintam alguma coisa. Do segundo caso, temos diversos meios:

1. Eliminação da gravidade para se alterar a inércia da espaçonave, ou seja, os motores não são influenciados pela gravidade e só precisam movimentar a massa da nave;
2. Placas Anti-G que são utilizadas para eliminar a influência da gravidade em todas as direções menos em uma, será aquela em que a nave irá "cair", o seu destino pode ser um planeta, uma estrela ou qualquer outra coisa que possua alguma gravidade;
3. Antigravidade propriamente dita, que seria uma gravidade negativa e, tal como acontece com os ímãs de pólos iguais, a antigravidade repele o objeto sob a sua influência;
4. Um sistema de propulsão principal em que se pode inferir o uso da gravidade, conseguindo-se a velocidade ultra-luz, é o sistema em que se produzem ondas no espaço, como as produzidas por uma pedra jogada na superfície líquida, em que a nave estaria situada na crista da onda (sem qualquer intenção de trocadilho).

Uma terceira aplicação, também muito usada, é a da gravidade artificial, que é usada em estações espaciais e foguetes (ou outras naves espaciais) para promover a gravitação normal do planeta de origem da espécie que o utiliza.

Uma quarta aplicação, se bem que de uso mais restrito, é a das armas gravitacionais, da qual só conheço um exemplo, o da bomba gravitacional, que atira qualquer objeto sob a sua zona de influência para uma dimensão de categoria superior.

Os meios de aplicação das energias gravitacionais, são diversos e darei a conhecer ape

nas alguns deles:

1. A gravidade artificial produzida por energias de dimensões superiores (geralmente a 5ª dimensão);
2. Placas antigravitacionais, que ficam no piso da nave, estação ou planeta, que utilizam algum tipo de energia comum (elétrica ou eletromagnética, geralmente) para transformá-las em energias gravitacionais.

Os autores são bastante prolíficos em imaginar como se consegue a gravidade artificial e a antigravidade. Como métodos temos:

1. Elementos naturais com propriedades gravitacionais, sozinhos ou combinados, como no caso da tinta Cavorita de H.G.Wells;
2. Transformação eletrônica, de uma energia qualquer em energia gravitacional, o método mais utilizado;
3. Captação eletrônica, que consiste em capturar, direcionar e controlar o fluxo das energias gravitacionais.

Apesar de muito utilizada na F.C. não devemos esperar que os problemas relacionados à gravidade sejam resolvidos no ano 2.000. Segundo uma enquete realizada entre diversos cientistas, podemos esperar a antigravidade para o ano 2100.

ILUSTRAÇÕES PARA PROJETOS EDITORIAIS 1986/1987 : estamos abrindo espaço para que os sócios participem de dois projetos especiais envolvendo ilustrações.

O primeiro diz respeito ao Calendário CLFC 1987. Para este calendário, que terá tiragem suficiente para distribuição aos sócios e venda avulsa por livreiros nossos amigos e pelos próprios sócios que quiserem participar deste esforço de arrecadação de fundos para o clube, precisamos de uma ilustração de capa (180 mm de largura por 260 mm de altura), e 12 ilustrações de interior (180 mm de largura por 130 mm de altura). Prazo para remessa de originais : 31.10.86, após o que serão selecionadas as ilustrações que participarão do projeto. Prazo para entrega das artes-finais : 21.11.86, após o que serão encaminhadas para produção.

O segundo projeto se refere à capa do Somnium, que a partir do número de janeiro de 87 se pretende ser ilustrada e com formato redefinido. As propostas para estas ilustrações podem ser enviadas a qualquer momento, cabendo à editoria selecionar as artes a serem aproveitadas e solicitar aos autores o envio das artes-finais e seus prazos de entrega. Havendo material suficiente para o planejamento editorial de números em adiantado (especialmente contos), a editoria poderá sugerir/solicitar ilustrações com temas específicos, relacionados com matéria a ser publicada. Tamanho: 170 mm X 225 mm (altura).

Em ambos os casos, pede-se que os ilustradores evitem grandes áreas escuras (chapadas), de forma a se terem ilustrações 'leves'. Evidentemente espera-se que as ilustrações tenham por motivo a ficção científica, ainda que se aceite, a critério da editoria, material voltado a fantasia.

Estes dois projetos em especial não significam menor interesse em ilustrações menores, para o corpo do boletim; ao contrário, estamos particularmente interessados em receber e publicar ilustrações menores. Quem pensa que é preciso ser um artista de alto bordo para ter trabalho publicado, engana-se. Basta ver boletins e fanzines tanto nacionais como internacionais para desmistificar este conceito; assim, mande seu desenho para nós e ele será sempre aproveitado em função do espaço disponível.

Razões de força maior impediram que o número de julho.86 saísse dentro do cronograma básico de fechamento de edição (dia 20 de cada mês), duplicação e postagem (primeiros dias do mês). Este número já cumpre com o cronograma, como tem sido hábito.

Correspondência para o clube e para a editoria do boletim deve ser endereçada para a Caixa Postal 2209 Ag. Central - 01051 São Paulo, SP. Correspondência endereçada aos autores de matérias devem ser endereçadas diretamente, conforme Diretório de Sócios, ou aos cuidados da editoria do boletim que fará chegar a eles correspondência eventualmente encaminhada à nossa Caixa Postal.